

A REFORMA PROTESTANTE E O ILUMINISMO

APRESENTAÇÃO

Algumas pessoas afirmam que Reforma Protestante foi um propulsor de mudanças sociais, religiosas e filosóficas na Europa; como causa e efeito ou como movimento estimulador; ela é vista como a revolução que concebeu a Revolução Científica, Social e Filosófica. Entretanto, tudo isto não é verdade quando analisamos a história e observamos a fundo o contexto histórico, social da época bem como o pensamento original da Reforma.

INTRODUÇÃO

É comum a afirmação de que a Reforma Protestante produziu o Iluminismo. Por alguns motivos, se afirma isto, talvez o mais forte é que a maioria dos iluministas vieram de países protestantes ou mesmo ficaram exilados lá. Ao mesmo tempo em que dizem que a Reforma possuía um caráter revolucionário, produzindo uma revolução religiosa, intelectual e social. Tentarei de forma resumida e fundamentada em alguns autores renomados que analisaram o período moderno, explicar um pouco as origens do iluminismo, quer de suas ideias e também do contexto social histórico de seu período.

REFORMA

Primeiramente é importante nos atentarmos para a Reforma, uma vez que ela foi um movimento que mudou muitos aspectos sociais e religiosos ao seu redor. Mas de antemão seria injusto chamar a Reforma de revolução; visto que não seria esta afirmação coerente com os elementos defendidos pela reforma; a própria ideia de *Sola Scriptura* bem como as *Doutrinas da Graça* que eram parte central das afirmações teológicas da reforma, não conduziam os homens à ideia de Revolução ou mesmo de Independência.

Primeiramente precisamos entender que no âmbito eclesiástico, os reformados não queriam destruir a estrutura da Igreja e muito menos destruir a tradição; o que eles tinham em mente era regressar toda a tradição e a estrutura da Igreja para o aspecto das Escrituras. E a concepção da estrutura da Igreja, não era um consenso desde quinhentos anos antes da reforma, com o Cisma de 1054, com os conciliaristas medievais, e com a defesa do fim do domínio temporal do papa proclamado pelos humanistas italianos das cidades-Estado, ao mesmo tempo muitos autores já apontavam para a necessidade de reformar a igreja, desta forma a Reforma não foi algo inesperado, abrupto e que mudou todas as bases existentes, por isto não era revolucionária.

Por tanto a Reforma não pregava uma destituição das estruturas da Igreja, mas sim um retorno aos preceitos que eles achavam ser os das *Sagradas Escrituras*, tanto é, que, na própria igreja luterana o ofício de bispo não foi anulado, mesmo não sendo igual ao conceito de bispo católico.

Quando chegamos na Reforma, também não há uma ideia de rebelião contra os príncipes católicos, ao contrário, há uma defesa firme, da doutrina de não resistência ao poder temporal. As concepções luteranas não decorriam para um liberalismo ou mesmo racionalismo, ao contrário, havia uma forte fundamentação das Escrituras; se as ideias luteranas percorreram no âmbito político um caminho, foi o caminho de uma obediência aos príncipes (desde que não se infringirem a fé). Ao mesmo tempo, o conceito educacional de educação pública de Lutero não se aplica aos conceitos educacionais iluministas (pois estes eram contra uma educação pública e universal).

Ao mesmo passo em que, como observamos isto em Skinner no livro *As fundações do pensamento político moderno*: “*Isso nunca impele Calvino a proclamar uma clara e inequívoca teoria da revolução*” (p. 468).” E o máximo que os protestantes fizeram, foi elaborar uma teoria de resistência aos tiranos, mas de uma forma elaborada e nada revolucionária; em sua maioria a ideia de resistência protestante se firmava em que os magistrados menores podiam resistir ao poder do Rei ou Imperador, caso estes vissem como muito necessário. Então é insustentável a ideia de Revolução na Reforma Protestante. Partindo disto, o pensamento reformado jamais poderia ter produzido o racionalismo, que como diria F.J Stahl era a “*revolução do espírito*”.

Explicando isto, podemos agora tentar analisar um pouco mais a fundo a história e encontrar os elementos ideológicos e ao mesmo tempo social que deram origem ao iluminismo.

ILUMINISMO

O iluminismo não pode ser caracterizado como um movimento, pois o conjunto de ideias compartilhadas por muitas vezes diverge dentro do mesmo país - Montesquieu não era bem visto entre os racionalistas franceses contemporâneos a ele (HIMMELFARB, 2011, p. 206).

Podemos traçar o iluminismo como uma era de uma nova filosofia, que visava a independência do homem do que podemos chamar de um receio teológico ou eclesiástico; em outras palavras, filósofos que não tinham mais a Bíblia ou a tradição cristã como objetivo, análise e fundamento de suas ideias. Em muitos aspectos, era um movimento filosófico que não somente queria independência da teologia, mas que em muitos casos negava a sua eficácia e autenticidade como ciência legítima.

A Reforma protestante que não se limitou apenas a definições teológicas do funcionamento eclesiástico e da teologia em si; também discorreu sobre assuntos do direito, educação e economia. A Reforma Suíça tinha como um dos pilares a concepção do *Soli Deo Gloria*, que em suma dizia ser necessário trazer todas as esferas da vida humana, transformando-as aos olhos das Escrituras; para os reformados, a universidade, o Estado, o comércio, etc., deviam ser fundamentados nas Escrituras, obedecendo o chamado do qual todos receberam de Deus.

Mas quando colocamos lado a lado o desenvolvimento social da Reforma e o comparamos com os anseios dos iluministas perceberemos que eles não são compatíveis, que o iluminismo

e o pensamento protestante, quer luterano, quer calvinista não estão embaraçados no mesmo tipo de teoria, objetivos ou mesmo desenvolvimento histórico.

ORIGEM DE PENSAMENTO

Se analisarmos o início do século XV até o início do século XVIII temos a formação da arte renascentista, a criação da imprensa, os grandes descobrimentos, a reforma protestante, a revolução científica e o surgimento do iluminismo. Era um mundo em mudanças, e essas mudanças em sua maioria eram graças ao pensamento desenvolvido na Itália. Foi de lá que vieram os primeiros humanistas, que constituíram uma gama de elementos, desde a arte à tradução literária, a tradução da própria Bíblia, como uma filosofia distinta da filosofia escolástica. Hugh Trevor (2007, p 293) vai afirmar que quando Voltaire olhava para a história, buscando nela quem lhe inspirava, ele não se dirigia para a Reforma (que ele odiava), mas ele olhava para o período do fim do Renascimento e pré-Reforma. Era o período de homens como Guicciardini, Lorenzo Valla e Maquiavel.

No Renascimento houve um florescimento da antiga cultura clássica, não somente nas artes, mas na própria filosofia e na política. Enquanto a escolástica geralmente traduziam e utilizavam obras do grego para suas conclusões teológicas, como era o caso dos estudos de Platão e Aristóteles, e outros pensadores semelhantes; os humanistas, cujo estudo da retórica era um dos pilares acadêmicos e importante para o

ofício de Estado; perceberam que a leitura dos clássicos não era somente importante para os métodos retóricos, mas abrangiam uma série de assuntos importantes, relacionados com questões sociais e políticas. Os humanistas passaram a desenvolver elementos que existiam na Antiguidade mas que foram perdidos ao longo do tempo, ou ao menos perdidos em sua originalidade.

Enquanto percebemos um desenvolvimento intenso da metafísica e da teologia nas universidades escolásticas; os humanistas enfatizaram a ideia de liberdade republicana das cidades italianas; a ideia clássica de virtude; os conselhos políticos aos príncipes, as crônicas históricas e uma valorização da tradução e da linguagem.

Quando o iluminismo francês, holandês e britânico começa a se desenvolver, muito se deve pelo trabalho de alguns humanistas do renascimento. O mesmo autor (p. 293) afirma que para Voltaire um outro período que lhe inspirava era o período final do século XVI e século XVII de homens como Galileu e Francis Bacon.

O segundo ponto da origem do pensamento iluminista, ou ao menos alguns traços do iluminismo ainda antes de sua formação, podemos encontrar em algumas ideias de autores que tentaram renascer a escolástica medieval. O professor de direito e escritor Michel Villey em seu livro *A Formação do Pensamento Jurídico Moderno* faz algumas ponderações sobre a Escolástica da assim chamada Contra-Reforma (ou Reforma Católica). Segundo o autor, após a Reforma, havia da parte dos católicos a necessidade de barrar o avanço protestante; e

para isto acontecer eles começaram a formar o resgate da escolástica medieval, sobretudo do ensino de Tomás de Aquino que desde o final do Renascimento havia sucumbido; a própria igreja católica teve alguns papas que favoreceram o renascimento. Diante disso, na Espanha (principal país católico na época) surgiu um conjunto de filósofos, que passaram a ser chamados de Escola de Salamanca. Estes filósofos tiveram como objetivo resgatar a escolástica tomista para que assim houvesse novamente uma base formadora para fazer frente à Reforma. O problema é que esses autores acabam indo além do pensamento de Tomás de Aquino, com ideias muitas vezes diferente das ideias do próprio Tomás, e sobre isto o autor já citado diz: *No excesso de sua polêmica antiprotestante, nossos jesuítas já dão uma mão para esse futuro racionalismo que irromperá no mundo moderno e levará a maior parte da escola do direito natural moderno para um laicismo integral* (Villey, 2019, p. 372).

Os jesuítas criaram diversos colégios no mundo católico à época; e ao mesmo tempo a escolástica espanhola penetrou no mundo protestante; Melanchton inspirou-se nela ao organizar as escolas alemãs; o calvinista Althusius e o próprio Hugo Grócio. Interessante notar que Dooyeweerd também aponta para o fato de Melanchton e outros protestantes não se desvincularem do pensamento escolástico medieval, do nominalismo e assim consequentemente colocar o homem como o autoridade soberana sobre o cosmos (2018, p. 58). E diante dessa formação da escolástica espanhola ter conseguido influenciar tanto os países católicos como os

países protestantes; vemos muitos dos primeiros iluministas sendo formados nessas escolas; como Leibniz e Wolf (Villey, 2019, p. 378).

Juliano de Oliveira diz que: *Entre os autores modernos que receberam os influxos da metafísica suareziana, podem-se citar Descartes, que estudou as Disputas Metafísicas com os jesuítas de La Flèche e as utilizou nas suas Meditações sobre Filosofia Primeira; Spinoza, cuja doutrina da substância como causa primeira que existe em virtude de sua própria essência tem claras ressonâncias suarezianas, sem se esquecer que o ens ut sic, objeto da metafísica segundo Suárez, aplicável à designação tanto do finito quanto do infinito, serve muito bem como substrato ao panteísmo spinoziano; Leibniz, que leu as DM e as citou em sua tese juvenil sobre o princípio de individuação; Wolff, que foi influenciado por Suárez no conteúdo e na forma manualística de sua grande obra, sobretudo quanto ao conceito de essência.*

Portanto, percebemos que a nova escolástica influenciou os primeiros iluministas ou ‘pré-iluministas’.

Eu queria destacar três pensamentos surgidas na nova escolástica que foram cruciais para o pensamento moderno: A concepção de um direito internacional. Na Idade Média o direito canônico servia como uma concepção do qual todos os países se serviam; mas com a ruptura cristã, esta já não mais era suficiente. Foi então que Francisco de Vitória elaborou a ideia de um direito internacional fundamentado no direito natural; o que segundo Villey (p. 386) se tornou algo contraditório com a concepção aristotélica-tomista do direito

natural, pois Vitória definiu esse direito internacional e das gentes como um conjunto de regras que os homens entendem, que sua razão lhes dita quando refletem sobre a natureza. Portanto para ele, já não era mais um *direito natural*, embora recebesse esse nome, mas sim um *direito racional*.

Villey diz: *A verdadeira fonte do direito não é mais tanto a ordem da natureza cósmica e sim a vontade racional dos indivíduos*(p. 388).

Hugo Grócio, Alberico Gentili, Samuel Pufendorf e Emerich de Vattel, homens formadores do chamado direito internacional, foram influenciados pelos ensinamentos de Vitória. E como afirma Villey (p. 378) a nova escolástica formou uma mescla de uma filosofia do direito autêntico e do direito natural moderno.

Outro pensador da nova escolástica que, segundo já foi citado, contribuiu com o pensamento iluminista, foi Francisco Suárez. Villey (p. 411) afirma que: O princípio da obrigação do direito natural, é, conforme o ensinamento de Suárez, a vontade de Deus à qual devemos obedecer. No fundo, toda lei, para Suárez, é originalmente positiva - inclusive as leis naturais.

Ele ainda afirma que Suárez mesmo concebendo o direito natural como um conjunto de normas oriundas da legislação divina, não confundia isto com as leis reveladas nas Sagradas Escrituras. Para Suárez, conhecemos as leis naturais divinas não pela revelação e sim pela razão que Deus depositou no homem.

Segundo Villey esta concepção de Suárez é diferente da concepção tomista do direito natural, pois é uma tentativa de extrair o direito da razão individual. Segundo o mesmo autor, Suárez já demonstra se inclinar ao racionalismo (p. 413) “Essas novas pretensões do racionalismo vão renovar completamente a doutrina do direito natural. [...] Nesse ponto, Suárez pretende imaginar que seríamos capazes de deduzir a partir dos princípios contidos na nossa razão as regras do direito natural.”

Por tanto, na nova escolástica percebemos a criação de um direito natural que tem concepções diferentes do direito natural de Aristóteles e de Tomás de Aquino. Na concepção da nova escolástica o direito natural é um conjunto de regras dados por Deus aos homens; era isto que John Locke defendeu em seu Segundo Tratado sobre o Governo. Tais direitos naturais seriam desvendados não pela Revelação, mas pela Razão humana, na medida que o homem a recebeu de Deus.

Por tanto, o princípio da Razão como desvendadora do Direito Natural, a própria concepção de Direito Natural moderna, a formação de uma base para o direito internacional, e independente da Igreja e da Bíblia; foram bases usadas como formação do pensamento pré-Iluminista.

Tais pensadores influenciaram não somente o mundo católico mas também o protestante; quando os novos filósofos surge tanto na Holanda e Inglaterra protestantes, como na França e Itália católicas, eles foram influenciados pela Escolástica dos Espanhóis.

CONTEXTO SOCIAL QUE CONTRIBUIU AOS ILUMINISTAS

Precisamos tratar do contexto social que deu origem ao Iluminismo, precisamos traçar a maneira que o povo vivia naqueles tempos.

É importante notar que no final do século XVI as sociedades protestantes já demonstravam um considerável crescimento; crescimento este que foi mais visível nas primeiras décadas do século XVII. Holanda e Inglaterra eram potências no mesmo nível da Espanha e França; Genebra e Lausanne foram consideradas os olhos da Europa. Em tais sociedades o iluminismo surgiu e criou raízes; a chamada República das Letras, era legislada por filósofos holandeses e ingleses. Se o iluminismo se desenvolveu tão fortemente nos países protestantes, qual a relação que eles tinham com os iluministas?

Primeiramente, analisando a obra de Hugh Trevor-Hoper, um renomado historiador inglês, A Crise do Século XVII, vamos observar elementos interessantes sobre o motivo da alavancada iluminista nos países protestantes. Primeiramente ele afirma que o avanço de ideias liberais em Leiden e Amsterdã se deu não devido a igreja calvinista mas sim por

seus críticos; primeiro os libertinos, depois os arminianos e por fim os socinianos.

Este autor afirma ainda que na Holanda os calvinistas não tinham poder completo, e sendo assim, não havia repreensão do poder civil às novas ideias. Mesmo que o Sínodo de Dordt tenha elaborado com clareza o clero da igreja reformada, quando a crise política acabou na Holanda os arminianos e socinianos puderam viver livremente. (p. 303)

Outro ponto do qual o autor fala é sobre a Academia de Saumur, seminário huguenote, que após a transferência de Francisco Gomar, ferrenho opositor de Armínio, foi sucedido por John Cameron, arminiano esconçês. A Academia de Saumur acabou acatando em seu ensino o cartesianismo (que foi desenvolvido por René Descartes); e em seu funcionamento já era arminiana. Há quem diga que o *Consensus Helveticus e a Confissão* e os *Catecismos de Westminster* foram uma forma de barrar o avanço da academia de Saumur.

Até certo ponto a influência de Saumur não foi sentida em Genebra, mas com o tempo as paredes da resistência desmoronaram e o arminianismo se estabeleceu. Jean-Robert Chouet, um cartesiano, saiu de Saumur para Genebra, e foi continuado por seus alunos. E a partir de 1706 o *Consensus Helveticus* não foi mais imposto ao clero, de modo que o iluminismo alcançou a Suíça, e Genebra foi definida como uma cidade sociana (doutrina seguida por Miguel Servet). Trevor-Hoper vai dizer que “*esse iluminismo suíço seguiu-se a uma mudança interna, e que a mudança interna é a derrota do calvinismo.* (p. 309) Na Inglaterra, o arminianismo muitas

vezes ganhou apoio na Igreja Anglicana, especialmente em relação às disputas com os puritanos. O que levou alguém a observar que ‘a posição dos arminianos eram os melhores bispados da igreja’. Curiosamente, Himmelfarb (2011, p. 151) aponta que o metodismo tinha relações com o iluminismo moral britânico, na medida em que havia uma ênfase na moral, na tolerância ou na não imposição de seus pensamentos aos outros e nas boas obras. Um fato interessante é que os iluministas morais britânicos como Adam Smith e David Hume defendiam a necessidade da religião, ou das seitas religiosas para a manutenção da harmonia e dos bons costumes na sociedade. E desse ponto de vista há uma certa ‘harmonia’ na Inglaterra, de uma filosofia moral, com pregadores que defendiam o livre arbítrio e por tanto a não imposição de pensamento e de fé; e que ao mesmo tempo enfatizavam a necessidade de boas obras para a salvação. O próprio caráter social da Inglaterra a levou a ser diferente dos demais países. Mas podemos ainda sim observar que aos olhos do iluminismo ideais luteranos ou calvinistas não podiam se conciliar em coexistência com o iluminismo. Na Escócia, um país onde o iluminismo também se desenvolveu, era o país do presbiterianismo, de John Knox, árduo reformador que dizia: “Deus, dai-me a Escócia senão eu morro!”. O mesmo autor que estamos citando neste momento, ele diz que com a união dos reinos da Escócia e Inglaterra, se abriu novos horizontes para o laicismo escocês (p. 313). A Igreja da Escócia foi descalvinizada, ao ser liderada por um arminiano, William Robertson, por trinta anos. Inclusive este era amigo de Adam Smith e David Hume. Himmelfarb

escreve que: Hume foi especialmente escolhido pela Igreja da Escócia, aceitando com prazer sua indicação como seu patrono, e usou sua influência para fazer avançar as opiniões e as carreiras dos Moderados (grupo de cristãos estóicos (2011, p. 60).

Por fim uma citação de Trevor-Hoper: Se a nova filosofia foi estimulada em sucessivas sociedades calvinistas, foi estimulada, e cada exemplo, não pelo calvinismo, mas pela derrota do calvinismo. O arminianismo, ou socianismo, não o calvinismo, era a religião do pré-Iluminismo. (p. 313).

Essas aberturas, derrotas, sofridas pelo Sensus Helveticus, pelo Sínodo de Dordt e pela Igreja da Escócia, permitiu que pastores e professores de teologia que não eram firmes quanto aos princípios reformados pudessem exercer seus ofícios; causando assim um impacto iluminista e de teologia liberal dentro dos seminários e das igrejas calvinistas. Assim sendo o liberalismo teológico dos púlpitos e o iluminismo dos seminários não era um resultado do calvinismo, mas sim do afrouxamento das normas, que permitia pessoas que não eram calvinistas exercerem ofícios. Não custa mencionar que na Inglaterra, para ser um clérigo, houve um tempo em que era preciso apenas declarar fidelidade ao rei.

Aparentemente colocar o arminianismo como um estimulador do iluminismo, é o mesmo que dizer que o protestantismo foi o propulsor do iluminismo. Entretanto, mesmo que hoje calvinistas e arminianos vivam em harmonia, o mesmo autor defende que o arminianismo não foi oriundo do calvinismo, mas era anterior à Reforma protestante; segundo ele diz, o arminianismo era descendente de Erasmo; que durante as

tensões do século XVI e outros fatores, os humanistas de Erasmo se uniram nas igrejas reformadas, mas que ainda sim não haviam cedido ao fundamento reformado. Como a Reforma Suíça havia recebido muita influência dos humanistas e inclusive do próprio Erasmo, uma união aparentemente seria um caminho natural; mas tão logo as coisas voltaram ao normal, os conflitos entre aqueles autenticamente reformados e os erasmianos começaram a acontecer. Trevor-Hoper ainda aponta para o fato de que Armínio e Grotius serem discípulos das ideias de Erasmo. Assim sendo o arminianismo era um curso natural das ideias de Erasmo, que inevitavelmente iria surgir na igreja reformada. (p. 320)

Não somente isto, nos países católicos como França e Itália o iluminismo também se desenvolveu. Muitos discípulos de Erasmo não partiram para a igreja protestante, mas permaneceram na igreja católica, embora aguardando o momento apropriado de agir. Assim sendo, os humanistas que permaneceram na igreja católica não dividiram a igreja, mas formaram alguns movimentos, especialmente em mosteiros e seminários de países que já tinham uma forte influência humanista. Os humanistas (e erasmianos) não causaram nenhum alvoroço na igreja católica, eles esperaram que as tensões políticas e sociais melhorassem, para assim poderem atuar sem dificuldade. O Concílio de Trento, que também tinha como objetivo diminuir o poder humanista e reacender o pensamento escolástico, não prejudicou estes humanistas que, durante o Concílio não se manifestaram. Entretanto, após as discussões do Concílio se encerrarem, os humanistas,

especialmente de Veneza e da França, continuaram seus trabalhos, colaborando para a formação de um Pré-Iluminismo nestas regiões (p. 330).

Montagne, Etienne de la Boete, Blaise Pascal e Jean Bodin; todos estes viveram no período que podemos chamar de Pré-Iluminismo; e suas ligações são muito fortes tanto com o humanismo italiano quanto com o iluminismo.

E não podemos também deixar de mencionar que os primeiros iluministas e os pré-iluministas, nenhum deles eram contrários a fé e não morreram sem comunhão com a Igreja. Descartes, John Locke, Thomas Hobbes e os demais que citei acima, todos estes se consideravam bons cristãos, inclusive muitos eram teólogos (como o próprio Isaac Newton); mesmo que suas doutrinas muitas vezes não eram ortodoxas, mas suas investigações filosóficas foram vistas por eles mesmos e por muitos outros como normais e sem nenhuma contradição com a fé, uma vez que suas investigações era no campo natural e não da Revelação. Pois eram vistos como pessoas que não queriam submeter a filosofia à teologia, e dessa forma atrelar suas descobertas na teologia. O ponto crucial do início tenha sido isto, pois ao invés de haver pensadores que filosoficamente refutassem os iluministas, haviam pessoas que se posicionavam contra este avanço por outros meios. E este também foi um dos motivos pelo qual suas ideias foram parcialmente aceitas em muitos seminários teológicos e púlpitos cristãos. Mas recebendo apoio aos poucos, a nova filosofia foi se desenvolvendo gradualmente, e aos poucos ganhando mais espaço, ao ponto de chegar no iluminismo radical, do qual, negava a literalidade bíblica, dos milagres e

até mesmo da teologia enquanto ciência fundamentada na Revelação.

O apego à teologia

Outro fator que não podemos desconsiderar como um marco ao avanço iluminista nos países protestantes foi o fato de que os protestantes se apegaram à teologia. No momento em que há uma tentativa de responder tudo pela teologia, se torna impossível uma resposta ineficiente a todas as esferas. A teologia enquanto vista como a mãe de todas as ciências, e as outras ciências vistas como servas da teologia, torna impossível um avanço eficiente em todas essas. E nisto, os iluministas desvinculados da teologia bíblica e fundamentados em uma teologia natural, conseguiram avançar.

Não vemos um ataque firme dos protestantes aos iluministas, não há filosofia no período, o que há são repreensões quando podem; proibir certos livros ou exilar certos pensadores. Uma filosofia autenticamente protestante só começa a ser desenvolvida em meados do século XIX, e ainda hoje, no meio protestante existe a mesma concepção de que a teologia é a ciência maior e as outras auxiliadoras, tornando ainda hoje muito difícil um avanço protestante social. Penso eu que o fato dos teólogos querendo submeter a filosofia como auxiliar, criou uma oposição que dizia que a filosofia cuidava de verdades distintas da teologia, e assim sendo, impulsionou a filosofia dessa oposição para uma negação da própria teologia. E na medida em que a ciência física também avançava, a teologia demonstrava aos olhos vistos não ser eficiente; mas

não porque ela não era eficiente, e sim porque os teólogos fizeram dela, e fazem até hoje, o cálculo final de todas as outras ciências. Em suma aparenta que os reformados hoje em dia confundem teologia com fundamentação bíblica; nem tudo que é fundamentação bíblica pode ser chamada de teologia. Visto que as Escrituras revelam outras esferas da vida (trabalho, educação, etc.,) e por revelar outras funções não significa criar uma teologia do trabalho ou uma teologia da educação; se ainda criar tais concepções, que não seja submetendo as outras ciências, mas cooperando com as demais, sabendo que o fim último de todas as ciências é a glória de Deus.

CONCLUSÃO

Notamos que o pensamento iluminista foi formado por base em ideias do humanismo renascentista e também de algumas ideias surgidas na nova escolástica. E avançou nos países protestantes na medida em que, estes países tinham escolas formadas na pedagogia da nova escolástica; e foram perdendo gradualmente a formação protesante 'oficial', por conta do avanço de outros grupos.

- Por João Gabriel

FONTES:

A Formação do Pensamento Jurídico Moderno - Michel Villey, editora Martins Fontes.

As Fundações do Pensamento Político Moderno - Quentin Skinner, editora Companhia das Letras

Os Caminhos para a Modernidade - Gertrude Himmelfarb, editora Realizações

Os Historiadores - Maurício Parada, editora Vozes.

A Crise do Século XVII - Hugh Trevor-Hoper, editora Book Livros

Estado e Soberania - Herman Dooyeweerd, editora Vida Nova

Uma Religião sem Deus - Jean Marc-Berthoud, editora Monergismo (usado na citação de F. J. Stahl)

Iluminismo Radical - Jonathan Israel, editora Madras

Artigo: FRANCISCO SUÁREZ: A METAFÍSICA NA AURORA DA MODERNIDADE, Juliado de Almeida

Oliveira, disponível em:

theoria.com.br/edicao0410/francisco_suarez_a_metafisica_na_aurora_da_modernidade.pdf

Artigo: Papas do Renascimento, disponível em:
infosbc.org.br/site/artigos/2406-capitulo-xl-os-papas-do-renascimento